

NIETZSCHE E JAMES POSTOS A SERVIÇO D'O ANTI-ÉDIPO: POR UMA NOÇÃO CONSTRUTIVISTA DE VERDADE

Daniel Du Sagrado Barreto Daluz¹

RESUMO: Este artigo ocupa-se de estudos de Arthur Arruda Leal Ferreira (2008; 2005) em torno das perspectivas de Friedrich Nietzsche e William James acerca da ideia de verdade. A leitura aqui promovida visa a germinação de reflexões acerca das dimensões nocivas da "busca pela verdade", segundo Nietzsche, e do papel fundamental que este conceito desempenha em nossas vidas, tal como se pode perceber nas noções de fé, crença, hábito e costumes, que regem a funcionalidade de nosso cotidiano, algo explorado por James. Em nome da verdade e da racionalidade foram justificadas as mais desumanas atrocidades por meio do fetiche da ciência, o que pode ser percebido no caso das conveniências capitalistas de caráter transcendente, universalista e totalizante como aquelas promovidas, inclusive, pela psicanálise, como é o papel que o falo e Édipo desempenham para justificar as razões da desigualdade e/ou servidão em âmbito familiar. A partir das reflexões em torno da ideia de verdade elaboradas pelo filósofo alemão e pelo norte-americano, compiladas por Ferreira (2008; 2005), é explorada a noção de 'verdade construtivista', a qual permite abordar o valor de verdade e de falsidade de um discurso, em coro a *O anti-Édipo* (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Palavras-chave: Verdade. Nietzsche. William James. Deleuze e Guattari. O anti-Édipo.

INTRODUÇÃO

O estudo a seguir se deu no contexto da construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *A crítica de Deleuze e Guattari ao complexo de Édipo*, apresentado e aprovado no ano de 2022, no curso de Filosofia da UNIOESTE. Está orientado pelos artigos "A verdade à serviço da vida: ressonâncias entre os pensamentos de William James e Friedrich Nietzsche II" (2008) e "F. Nietzsche e W. James: duas estratégias de combate em torno da verdade" (2005), de Arthur Ferreira Leal, nos quais são postos em uma consonância intrigante os

¹ Mestrando em Filosofia. UNIOESTE - Campus Toledo. E-mail: daniel.daluz@unioeste.br

pensamentos de Friedrich Nietzsche aos de William James. É preferível “consonância” ao invés de “ressonância”, uma vez que ambos os autores, aparentemente, tiveram nenhuma ou pouca influência entre si. Trata-se de pensadores que compartilhavam o mesmo tempo, no entanto não o mesmo espaço: James (1842-1910) encontrava-se em solo norte-americano e Friedrich Nietzsche (1844-1900), por sua vez, no continente europeu. Para o que importa a esse estudo, a consonância que interessa é a que sugere uma complementaridade nas diferentes abordagens em torno do conceito de verdade destes pensadores, a qual contribui para pensar o sentido ‘de verdade construtivista’, presente na obra de Deleuze e Guattari (2010), *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*, que põe em xeque a noção psicanalítica de conceito do inconsciente, isto é, o complexo de Édipo.

Nós compreendemos que o inconsciente nada contém de ideal, nada que tenha alguma coisa a ver com um conceito e, portanto, nada de pessoal, pois que a forma das pessoas, assim como o ego, pertence ao eu consciente ou mentalmente subjetivo (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 157).

Seja como uma filosofia imanentista que rejeita a operação platônica que opõe um mundo verdadeiro-substancial a um mundo aparente - à moda de Nietzsche - ou como uma composição maquínica em que cada engrenagem posicionada se justifica por sua capacidade de produzir e fazer funcionar e deve ser analisada segundo os efeitos que gera - como ensina James -, *O anti-Édipo* problematiza a ideia de um conceito universal de inconsciente, a forma estável ou o valor eterno da psicanálise freudiana, em meio a seus questionamentos em torno das razões de ser da popularidade da subjetividade edipiana, acaba por denunciar as conveniências do familismo (que o complexo suscita) à máquina capitalista.

Nietzsche e James

O “Deus está morto” de Nietzsche (*A gaia ciência*, § 125) denuncia a linha tênue entre verdade e ficção na medida em que se consolida a noção de historicidade - invenção recente. James, em contraste, não se voltará totalmente

contra os valores eternos e transcendentais, ao contrário do filólogo, que diretamente os combates. Na lógica de conciliação entre filosofia e teologia elaborada pelo pragmatismo, o filósofo norte-americano busca expor a existência das crenças em suas razões de ser, como as causas eficientes de uma coisa, evidenciando o funcionamento da máquina social-histórica-filosófica por meio da exposição de suas engrenagens. O americano se atém à necessidade humana que as ficções fabricadas - como em Nietzsche - respondem. A ele interessa pensar e dizer como a verdade funciona e faz funcionar, como produz (vida) ou o que exatamente ela produz.

Certo de que esperam exemplo desse processo de desenvolvimento da verdade, o único inconveniente é sua enorme abundância. Supostamente, o exemplo mais simples de uma nova verdade é a mera adição numérica de novos tipos de fatos ou de novos fatos particulares de tipos antigos a nossa experiência, uma adição que não implica alteração das velhas crenças. Segue-se um dia após o outro, e seus conteúdos simplesmente vão se adicionando. Os conteúdos propriamente novos não são verdadeiros, simplesmente chegam e são. O que é verdade é o que dizemos sobre eles, e quando dizemos que chegaram, a verdade se satisfaz com uma simples fórmula aditiva (JAMES, 2000, p. 90, tradução nossa)².

Quanto à noção de verdade que toca a James, podemos imaginar qual seria nossa reação ao ver uma nave espacial sobre nossas cabeças a partir de sua obra *O Pragmatismo*:

O processo observável que Schiller e Dewey elegeram em particular para logo generalizá-lo, é o processo corrente por meio do qual um indivíduo se instala em novas opiniões. Este processo sempre é igual. O indivíduo já dispõe de uma reserva de velhas opiniões, mas se encontra com uma nova experiência que as tensiona. Alguém as contradiz ou ele mesmo, em um momento de reflexão, descobre que se contradizem umas às outras; ou passa a conhecer fatos com os quais resultam incompatíveis; ou se suscitam desejos que já não são satisfeitos por elas. Ao fim, o resultado é um transtorno em seu interior, até então alheio a seu entendimento, e ao qual busca

²Seguro que desean ejemplos de este proceso de desarrollo de la verdad, y el único engorro es su enorme abundancia. Por supuesto, el ejemplo más sencillo de una nueva verdad es la mera adición numérica de nuevos tipos de hechos o de nuevos hechos particulares de tipos antiguos a nuestra experiencia, una adición que no implica alteración en las viejas creencias. Un día sigue a otro, y sus contenidos simplemente se van añadiendo. Los propios contenidos nuevos no son verdaderos, simplemente llegan y son. Lo que es verdad es lo que decimos sobre ellos, y cuando decimos que han llegado, la verdad se satisface con una simple fórmula aditiva (JAMES, 2000, p. 90).

escapar modificando sua massa prévia de opiniões. Trata de salvá-las o máximo que pode, pois em matéria de crenças todos somos extremamente conservadores, assim que tenta mudá-las pouco a pouco, primeiro uma delas e logo depois uma mais além (pois cada uma delas pode resistir à mudança de formas muito diferentes), até que finalmente surja alguma ideia nova que possa injetar sua velha reserva de opiniões com um mínimo de transtorno para esta; ou seja, alguma ideia que faça a mediação entre a reserva e a nova experiência e que consiga fazer com que se encontrem de modo mais fortuito e conveniente (JAMES, 2000, p. 88, 89, tradução nossa³).

A diferença entre Nietzsche e James se apresenta na medida em que o filósofo norte-americano se detém a tão somente avaliar os efeitos de cada verdade produzida, enquanto Nietzsche vai além e avalia a natureza produtiva das coisas, como veremos, usando o conceito de vontade de potência como critério. Por sua vez, Nietzsche, partindo de sua crítica à lógica, à ciência, à gramática e à linguagem, de modo diferente da pura especulação filosófica de William James, aborda o conceito de verdade em sentido homólogo, no entanto com caráter ofensivo. No anúncio da morte de Deus está contida a denúncia da tomada de noções transcendentais como sinônimos de valores absolutos, confronto devido ao advento de um sentido histórico:

O homem procura a "verdade": um mundo que não se contradiz, não se engana, não muda, um mundo verdadeiro - um mundo onde não se sofre: contradição, ilusão, mudança - causas do sofrimento!...Onde pois o homem tomou aqui o conceito de realidade? - Por que ele deduziu precisamente o sofrimento da mudança, da ilusão, da contradição? E por que não de preferência sua felicidade?... - O desprezo, o ódio por tudo que acontece, muda, se transforma: de onde vem esta valorização do que se conserva? Visivelmente a vontade de verdade é aqui o simples desejo de se

³El proceso observable que Schiller y Dewey han elegido en particular para luego generalizarlo es el proceso corriente por el cual un individuo se instala en nuevas opiniones. Este proceso siempre es igual. El individuo ya dispone de una reserva de viejas opiniones, pero se encuentra con una nueva experiencia que las pone en tensión. Alguien las contradice o él mismo, en un momento de reflexión, descubre que se contradicen las unas a las otras; o bien se entera de algunos hechos con los que resultan incompatibles; o se suscitan en él deseos que ya no son satisfechos por ellas. En fin, el resultado es un trastorno en su interior, hasta entonces ajeno a su entendimiento, y del que trata de escapar modificando su masa previa de opiniones. Trata de salvar de ellas cuanto puede, porque en materia de creencias todos somos extremadamente conservadores, así que intenta cambiarlas poco a poco, primero una de ellas y luego la de más allá (pues cada una de ellas puede resistirse al cambio de forma muy diferente), hasta que finalmente surja alguna idea nueva que pueda injetar en su vieja reserva de opiniones con un mínimo trastorno para ésta; o sea, alguna idea que medie entre la reserva y la nueva experiencia y que consiga hacer que se encuentren del modo más afortunado y conveniente (JAMES, 2000, p. 88-89).

encontrar no mundo do que permanece (NIETZSCHE apud ZATERKA, 1996, p. 90).

Ferreira vê em ambos os autores vemos a noção de verdade associada a uma lógica produtiva e construtivista: verdade enquanto produção de vida, de mundo, de sujeito.

O ponto nodal anterior à bifurcação destas teses é o pressuposto da verdade, não como uma propriedade das coisas, ou de um mundo para além, mas certamente como um pequeno artifício, um brinquedo humano. É neste sentido que ambos autores são construtivistas, não por estabelecer o homem como centro do universo, mas por descentrá-lo de sua pretensão mais divina: ser o avatar, o descortinador da verdade. Apontam-nos, denunciam-nos mesmo como inventores de nossos próprios valores, de nossos próprios saberes. Diverso de elevar-nos à condição de demiurgo, próprio de muito construtivismo, este rebaixa o homem, o ser e os deuses à sua mera potência de artifício. Trata-se de um construtivismo histórico, em que as verdades vão se depositando como camadas arqueológicas sobre o 'imundo' da experiência pura, do singular, no qual, todo conceito trata-se de uma ficção. Contra o sólido esteio dos universais, o mais profundo singular repousa em suas entranhas, contrariando-o, subvertendo-o. Além deste construtivismo ser histórico, ele é igualmente nominalista: todo universal é um artifício (FERREIRA, 2008, p. 195).

A que serve o valor eterno do inconsciente

Quase um século após o nascimento de Nietzsche e James, toma força em meio à psicanálise freudiana a substancialidade absoluta do complexo de Édipo, como um conceito permanente do inconsciente. Tudo se passa como se o processo de tornar-se homem de uma criança que nasce com pênis fosse mediado pela relação que tem com sua mãe; quando então percebe sua distinção anatômica entre si e as meninas⁴, conseqüentemente percebe a de seu pai e sua mãe, e passa a rivalizar com seu progenitor. A masculinidade nasce dessa neurose que só percebe o pai e a si como homens na medida em que se atribui à mãe a falta (ALVIM, 2019).

⁴ Alvim (2019) conta ainda que, segundo a psicanálise freudiana, por algum tempo os meninos ainda esperam pacientemente que o pênis das meninas, eventualmente, cresça.

Movimento diferente acontece no desenvolvimento psíquico da feminilidade, que supõe-se devido à suposta atribuição da falta que a criança atribui sobre si mesma, em vistas da distinção anatômica. Em termos edipianos, a feminilidade surge, portanto, de um conflito interno, uma vez que a criança percebeu não o que ela é, mas o que ela não é: um menino; enquanto que, para os rapazes, é a mãe - e não eles mesmos - quem não é aquilo que eles pensavam que fosse. Está aí a transcendência de Édipo: a sexualidade infantil é suposta como sexualidade masculina. Segundo a exposição de Alvim (2019), Freud define a feminilidade (plena, diga-se de passagem) enquanto produto de uma auto repressão que a menina faz sobre si mesma, que a entrega a uma suposta passividade natural que a prepara para a maternidade - pois a arbitrariedade da transcendência decretou que aquela forma ativa de manifestar sexualidade é própria somente aos portadores do pênis (ALVIM, 2019). Esta teoria da produção da feminilidade caminha de mãos dadas a uma cultura que tem por religião principal uma cuja escritura sagrada diz que a mulher nasce das costelas de um homem e a concebe sob um posicionamento secundário, inferior, menor.

Concluindo que a moral já é por si mesma coisa do inconsciente, a metafísica edipiana não mede esforços para esmagar a produção desejante. É esse caráter essencialista que leva Deleuze e Guattari (2010) a afirmar que a psicanálise ignora o campo social e político quando tende a “reduzir os fenômenos do campo sócio-político ao Édipo e à família” (SHIMABUKURO, 2021, p. 5)⁵. Acerca disso, Deleuze e Guattari também afirmam que

A grande descoberta da psicanálise foi a da produção desejante, a das produções do inconsciente. Mas, com o Édipo, essa descoberta foi logo ocultada por um novo idealismo: substituiu-se o inconsciente como fábrica por um teatro antigo; substituíram-se as unidades de produção inconsciente pela representação; substituiu-se o inconsciente produtivo por um inconsciente que podia tão somente exprimir-se (o mito, a tragédia, o sonho) (DELEUZE; GUATTARRI, 2010, p. 40).

⁵Trata-se do projeto de pesquisa de pós-doutorado de Felipe César Shimabukuro, intitulado “O conceito de inconsciente em Deleuze e Guattari: um debate com a psicanálise”, em desenvolvimento junto ao Departamento de Filosofia da USP entre 01/05/2021 e 01/05/2024. Disponível em: <<https://filosofia.fflch.usp.br/node/6658>>. Último acesso em: 16/09/2023

Sendo coerente ainda a um inconsciente que se autoproduz em meio a um fluxo histórico, é importante problematizar os valores sociais conservadores e tradicionalistas característicos do período vitoriano no qual Freud está inserido, razão pela qual os franceses indagam: “Que significa dizer: Freud descobriu Édipo na sua autoanálise? Foi na sua autoanálise ou na sua cultura clássica goethiana?” (DELEUZE; GUATTARRI, 2010, p. 77). Postulando que, o inconsciente, antes de moral (por se pautar na culpa e na lei) e edipiano, é sobretudo político⁶ e histórico, em *O anti-Édipo* os autores não tratam o complexo edipiano sem antes contar com o advento da figuração familista burguesa, ou ainda sem considerar a aura vitoriana que circunda o período de Freud, ou mesmo a possibilidade edipiana em meio às primeiras formações, incluem o próprio complexo familista no fluxo histórico segundo a teoria do desejo que pensam. Édipo simplesmente não dá conta de suas aspirações à universalidade, de modo que, seguindo a linha de James, é forçoso considerar que suas razões de ser e sua popularidade são justificadas à luz da necessidade de uma formatação da subjetividade que reduza a complexidade e simplifique os fenômenos humanos.

É importante para o leitor d’*O anti-Édipo* ter em mente que o relevante aqui não é a qualidade de “verdadeiro” ou não de Édipo, mas sim suas consequências práticas, o quanto produz de vida. Até porque, os pensadores franceses dão a Freud certo crédito, celebram até, por descobrir os mecanismos do desejo - as máquinas desejanças, como diriam -, o que não os impede de denunciar a incapacidade de justificação da universalidade do complexo, o que implica uma relação absoluta com o tempo e o espaço, isto é, complexo eterno e imutável em qualquer contexto. A recusa por toda filosofia avessa à impermanência é o que reúne James, Nietzsche, Deleuze e Guattari por uma noção construtivista de verdade.

⁶ Tal concepção é o mote de criação de conceitos de toda a teoria do desejo presente na obra de 1972, que visam responder a problemas práticos, expostos por Deleuze em *A ilha deserta* (2006): “Neste encontro do psicanalista e do militante, três ordens de problemas, pelo menos, se depreendem: 1º) Sob que forma introduzir a política na prática e teoria psicanalíticas (uma vez dito que, de toda maneira, a política está no próprio inconsciente)? 2º) Há lugar, e como fazer para introduzir a psicanálise nos grupos militantes revolucionários? 3º) Como conceber e formar grupos terapêuticos específicos, cuja influência reagiria sobre outros grupos políticos, e também sobre as estruturas psiquiátricas e psicanalíticas?” (DELEUZE, 2006, p. 240).

Um inconsciente sem valores eternos

Ao inconsciente teatral dos conservadores, que só representa e sempre reapresenta a mesma coisa, Deleuze e Guattari propõem o inconsciente maquínico, compreendendo o inconsciente como uma coisa de natureza que está de tal modo determinada a uma relação imediata com o campo político e social, que é constantemente atravessada por fluxos e multiplicidades, operando cortes e conectando objetos. Inconsciente do devir que remonta a Heráclito, inconsciente nietzschiano que não se conserva e nem se importa com seu conteúdo (muito menos com uma substância!), nada representa nem expressa, apenas produz a si mesmo e ao mundo em meio ao campo histórico, social e político; inconsciente que experimenta mais do que interpreta, e brinca.

Uma consequência da desconsideração de uma verdade mais verdadeira, de um mundo igualmente mais verdadeiro, é a igual desvinculação da noção de um sujeito que apenas indica uma subjetividade mais subjetiva. Essa é talvez a razão pela qual a teoria do desejo presente n'*O anti-Édipo* toma caráter pragmático, ao invés da indução freudiana que apenas indica; razão mesma pela qual dissemos que o desejo nada representa ou expressa, apenas produz - efeitos. Eterna mãe em gestação, e o mundo, seu feto infinito; pois infinito é o potencial do inconsciente. Desvincula-se assim o ser-humano de seu apoio em uma humanidade formal, de uma noção de essencialismo humano - contemporaneamente, Sartre brada: "a existência precede a essência!". Ferreira pontua que o que está em jogo é a busca por uma "(...) noção renovada de verdade, sem qualquer vinculação à ideia de representação, mas como gestação de efeitos, de produção de mundo (e do próprio sujeito), sem cair em problemas como a busca de algo mais verdadeiro que a verdade (...)" (FERREIRA, 2008, p. 190), ou mais subjetivo do que o próprio sujeito. Ademais, também nos conta que, assim como n'*O anti-Édipo*:

Seja nas variações dos escritos de James (Pragmatismo, Empirismo Radical), seja nas variações dos textos nietzscheanos (metafísica da arte, genealogia), encontramos não apenas a ideia de que o mundo é construído, mas igualmente a ideia de que esta construção não é

tributária de categorias a priori de um sujeito universal (FERREIRA, 2008, p. 192-193).

Vontade de potência, vontade de verdade e vontade de conservação

O critério alternativo (escala ou medida) à moralidade, com vistas à provação das produções morais, anteriormente mencionado a ser usado por Nietzsche, na condição de filósofo crítico e criativo, refere-se ao conceito de vontade de potência, que escapa simultaneamente ao investimento nas ideias de bem e mal, além da vontade de verdade da ciência, e é devido à ideia de que o moralismo é um racionalismo e o racionalismo é fictício. O filólogo simplesmente não opõe a aparência à realidade; a substância não é, para Nietzsche, uma realidade imutável às transformações do mundo aparente, é o próprio mundo aparente em transformação; qualquer concepção de substância passa a ser compreendida sob os termos da vontade de potência. A vontade de potência torna-se critério avaliativo daquilo que se expande, independentemente de um suposto caráter benéfico ou maléfico, mas se atendo à positividade ou negatividade da produção vital. Este conceito - conta Ferreira (2005) - define-se pela afirmação de expansão e negação de conservação, sua consistência reside na ação que se expressa na busca por mais força.

Essa vontade de conservação não é de qualquer conservação, mas a conservação de si mesma - vontade de conservação da vontade de conservação; fixação por formas estáveis, diria Nietzsche; razão parecida que leva James (2000, p. 88-89) a dizer que "em termos de crenças somos todos conservadores". A vontade de verdade, assim, é antagônica ao próprio *pathos*, uma vez que pode produzir a vontade de ir contra a promoção da vida que, por ela mesma, é o próprio devir. Por isso Nietzsche não faz concessões à noção de verdade com a vida - ao contrário do norte-americano - considerando "falso" tudo aquilo que vá contra os "verdadeiros" valores da vida: força e beleza. Paralelamente, James não cria nem propõe a criação de novos valores, detém-se à justificação dos já existentes. Diferente de Nietzsche, sua postura apresenta um caráter conciliador para com as partes mais antigas e místicas de nossa constituição, que lutam constantemente por

sua permanência (conservação) em nosso dia a dia. É esta postura avaliativa que o leva a ilustrar a análise pragmática por meio da exposição das discussões filosóficas em torno da ideia de substancialidade, culminando na consideração das consequências práticas da crença no conceito filosófico de substância espiritual - imortalidade da alma - e substância material - determinismo⁷.

Em linhas gerais, Nietzsche e James ocupam-se das consequências práticas das verdades estabelecidas. A complementaridade entre seus entendimentos acerca do conceito de verdade se dá na medida em que James apresenta caráter avaliativo, se detendo a refletir acerca do caráter maquínico do conceito de verdade, enquanto Nietzsche toma postura combatente quando bate o martelo e emite juízos acerca da desejabilidade desta ou daquela crença. Resulta dessas duas abordagens em torno da verdade que: em primeiro lugar, o pragmatista americano resgata a religião enquanto “fé vivida em um mundo ainda por se construir” (FERREIRA, 2005, n. p.), enquanto, partindo do mesmo fundo comum implícito, o genealogista alemão conclui a arte enquanto potência de criação. Ademais, o combate à verdade transcendente de ambos os autores reside em suas estratégias de conectar o conhecimento à vida prática e cotidiana, ainda que tomem sentidos diferentes. O viés funcionalista de James irá compreender a vida enquanto uma adaptação constante no fluxo da experiência, enquanto Nietzsche irá se ater à ideia de vontade de potência, isto é, forças em expansão.

⁷ À terceira conferência de sua obra intitulada *O Pragmatismo* James problematiza algumas querelas da história da filosofia, e dentre suas problematizações questiona que diferença prática surge quando considera-se que o funcionamento do mundo tem por fato a matéria ou o espírito. Ressaltando, antes de dar cabo da reflexão, que seja o mundo um fato material ou um fato espiritual, em nada implica os eventos nele passados. No entanto, a filosofia é prospectiva também, além de retrospectiva. De modo que não podemos nos ater tão somente aos fatos que já passaram, mas devemos perguntar-nos também ‘o que promete o mundo?’. O americano responde: tudo quanto promete um Deus. Tão indiferentes quando se considera em retrospectiva, o materialismo e o teísmo apontam em direções totalmente distintas quando se consideram em prospecção. Segundo a teoria da evolução mecânica (materialismo), nos informa James, necessariamente levam ao fim do mundo. De acordo com este entendimento, o mundo eventualmente irá acabar. Aí está a medula do assunto: nada permanecerá. O materialismo, vê-se aí, então, é condenado não positivamente, isto é, não pelo que ele é (tosquidade), mas sim negativamente, pelo que ele não é, a saber: uma certeza da realização de nossos interesses mais ideais e de nossas esperanças mais remotas. A noção de Deus, por outro lado, perde para as noções da filosofia mecânica em todas as suas nuances, no entanto ganha em termos práticos por garantir a ideia de uma ordem ideal que deve ser conservada de modo permanente (JAMES, 2000, p. 115).

CONCLUSÃO

Em suma, tanto para James, ascendente do pragmatismo esquizoanalítico⁸, quanto para Nietzsche, uma das mais fortes influências de Deleuze, a verdade é objeto de um fluxo histórico no qual ela se constrói. Desse modo, ambos os pensadores (o norte-americano e o alemão) precipitam a preocupação filosófica central que tomará força no século XX, da qual Deleuze e Guattari compactuam, deslocando o foco da filosofia: da verdade para a vida.

Ou seja, acontece para Deleuze e Guattari a herança de uma emergente repulsa a toda noção de verdade ulterior; uma das faces dessa herança reside na revolução linguística no seio da atividade filosófica. O pensamento deleuzeano, posteriormente aliado ao pensamento guattariano, nasce nesse movimento que recusa o entendimento comumente consensual devido a maior parte da tradição filosófica de que toda a verdade terrena seria apenas uma re-apresentação (representação) da Verdade primeira, verdade não enquanto qualidade, mas sim como pressuposto, substancial ao invés de predicável. Verdade metafísica, verdade transcendente, verdade verdadeira, verdade com V maiúsculo. Deste modo, é possível para os autores extraírem essa subversão: toma-se a diferença por substancialidade, e a realidade é seu predicado.

Só a categoria de multiplicidade, empregada como substantivo e superando tanto o múltiplo quanto o Uno, superando a relação predicativa do Uno e do múltiplo, é capaz de dar conta da produção desejante: a produção desejante é multiplicidade pura, isto é, afirmação irreduzível à unidade. Estamos na idade dos objetos parciais, dos tijolos e dos restos. Já não acreditamos nesses falsos fragmentos que, como os pedaços de uma estátua antiga, esperam ser completados e reagrupados para comporem uma unidade que é, também, a unidade de origem. Já não acreditamos numa totalidade original nem sequer numa totalidade de destinação. Já não acreditamos na grisalha de uma insípida dialética evolutiva, que pretende pacificar os pedaços arredondando suas arestas. Só acreditamos em totalidades ao lado. E se encontramos uma totalidade ao lado das partes, ela é um todo dessas partes, mas que não as totaliza, uma unidade de todas essas partes, mas que não as

⁸ O estudo dos perigos em cada linha é o objeto da pragmática ou da esquizo-análise, visto que ela não se propõe a representar, interpretar nem simbolizar, mas apenas a fazer mapas e traçar linhas, marcando suas misturas tanto quanto suas distinções (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 109).

unifica, e que se junta a elas como nova parte composta à parte (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 62).

O complexo de Édipo mesmo não é negado, mas é antes esclarecido à luz de um inconsciente histórico-político e social. É como se os autores d'*O anti-Édipo* estivessem pisando em ovos sobre o caráter edipiano da psicanálise edipiana. Édipo não dá conta de triangular no familismo toda a multiplicidade da produção desejante da qual ele próprio é apenas mais um componente, coordenada assignificante assim como qualquer outra coordenada do inconsciente. Assim, é forçoso compreender que o complexo de Édipo não é suficiente para ser generalizado à totalidade do inconsciente, por mais eficiente que possa ser a teoria edipiana. As consequências práticas de uma teoria são, aqui, muito mais relevantes que seu potencial explicativo; e as suspeitas em torno de seus pressupostos transcendentais e universalizantes tomam protagonismo muito maior do que sua possível eficiência ou eficácia. Parte daí a consideração da natureza da relação que tem esta teoria para com o meio capitalista no qual está composto (questão das causas para James) e questionar: a que moral ele serve? (questão dos efeitos para Nietzsche) - questões pragmáticas.

Assim como no pensamento de Nietzsche, Deleuze e Guattari em *O anti-Édipo*, apesar que sob as denúncias que tomam a psicanálise como ponto de partida, há o embate entre imanência e transcendência. A psicanálise protagoniza esta dinâmica, uma vez que os mecanismos de captura do desejo, que dão exemplos de uma moral ascética e reativa, geralmente apresentam-se sob a imposição de uma ótica transcendente com aspirações explicativas. Afinal de contas, "A verdade seria representação ou produção? Algo efetivo ou uma mentira alienante perante a própria vida?" (FERREIRA, 2005, p. 204). É com vistas a ecoar este raciocínio que os filósofos franceses fabricam os conceitos apresentados n'*O anti-Édipo*; sua produção de conceitos é consequência de um esforço por traduzir um novo meio ambiente, cujas dimensões não-filosóficas trazem novas potências conceituais. Daí as considerações imanentistas de Nietzsche e James que, por também conceituarem a existência na medida em que passam longe da suposição de um outro mundo, trazem noções riquíssimas ao campo político e em favor da

pluralidade. Assim Nietzsche, ao atentar para este mundo, Deleuze e Guattari preocupam-se com um

Mundo em forma de clichê que faz ouvir, sentir, pensar sempre menos, uma vez que os interesses econômicos, as crenças religiosas e ideológicas, as exigências psicológicas, a natureza afetiva, as explicações teóricas impedem que o excesso de beleza ou de horror, o injustificável da miséria e da violência, os abismos sociais, culturais e tecnológicos apareçam diante dos nossos sentidos em sua inteireza, sem metáforas, sem interpretações (HEUSER, 2010, p. 30).

Do filósofo alemão podemos ver também ressonante nos escritos de Deleuze e Guattari a necessidade por uma linha de fuga da escrita; isto é, como pode alguém tratar a razão como fictícia e ainda assim querer argumentar discursivamente? Este é o problema ao qual o conceito de “vontade de potência”, por exemplo, responde. Trata-se de fazer escapar a vida à linguagem, deixando esta última a seu serviço, dando à verdade um papel coadjuvante residual na composição da máquina filosófica, ou severamente objetivo, para a máquina analítica. Deste modo, a produção - seja do mundo, do sujeito ou dos valores -, em suma, da realidade, é o imperativo da verdade, e não o contrário; não se produz o sujeito na medida em que se produz a verdade, antes a produção da verdade é consequente à produção do mundo, dos valores e do sujeito - que não é sujeito fixo, mas sim residual. “O sujeito aqui em questão não tem identidade específica e percorre as disjunções sem diferenciar-se do corpo sem órgãos. Este é um sujeito respectivo às ‘partes correspondentes aos desligamentos da cadeia e às extrações de fluxos operados pela máquina’” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 60).

Nos escritos deleuzeguattarianos, esta busca por uma nova escrita se manifesta com, por exemplo, o empréstimo de conceitos da biologia e da química com vistas a pensar movimentos e processos de expansão da natureza em defesa da produção de vida, como, por exemplo, respectivamente, o conceito de rizoma e o de revolução.

Segue-se aqui o protocolo no qual, sendo a vida prioridade, a razão precisa pensar fora da caixa e inventar novas verdades - e talvez até novas palavras; recurso constante em Deleuze e Guattari -, se fazer de desentendida ou superestimar-se, com vistas a produzir mais complexas e potentes maneiras de conceber as coisas,

diante do fracasso de epistemes representacionais obsoletas e imagens dogmáticas do pensamento que não desenvolvem suficientemente questões primordiais, em meio a uma sociedade cuja pluralidade lhe esmaga. A imposição de um formato universal perante à multiplicidade dinâmica, de uma estatística ante ao devir, é a zona de conforto necessária frente ao massivo desprendimento de esforço que a compreensão de uma multiplicidade (enquanto uma multiplicidade) suscita ao entendimento; razão essa pela qual os autores franceses rejeitam generalizações, uma vez que essas não consideram diferenciações específicas, o que se vê na recusa que fazem às generalizações da psicanálise edipiana:

Pois o que Freud e os primeiros analistas descobriram foi o domínio das sínteses livres onde tudo é possível, as conexões sem fim, as disjunções sem exclusão, as conjunções sem especificidade, os objetos parciais e os fluxos. [...] Essa descoberta do inconsciente produtivo tem dois correlatos: de um lado, a confrontação direta entre essa produção desejante e a produção social, entre as formações sintomatológicas e as formações coletivas, ao mesmo tempo sua identidade de natureza e sua diferença de regime; de outro lado, a repressão que a máquina social exerce sobre as máquinas desejantes, e a relação do recalçamento com essa repressão. Tudo isso é que será perdido ou ficará, pelo menos, singularmente comprometido com a instauração do Édipo soberano. A associação livre, em vez de se abrir às conexões plurívocas, se fecha num impasse de univocidade. Todas as cadeias do inconsciente são bi-univocizadas, linearizadas, penduradas num significante despótico. Aí está o essencial: a reprodução do desejo é substituída por uma simples representação, tanto no processo de cura quanto na teoria. O inconsciente produtivo é substituído por um inconsciente que sabe apenas exprimir-se - e exprimir-se no mito, na tragédia, no sonho. [...] É como se Freud tivesse recuado frente a este mundo de produção selvagem e desejo explosivo, e quisesse introduzir aí, a qualquer custo, um pouco de ordem, a ordem clássica do velho teatro grego (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 77).

Vê-se, assim, de modo pragmático, que a razão de ser de todo investimento em paranoias unitárias, universalizantes, totalizantes e formatadoras são, antes de tudo, um assustado passo para trás em vista do acento escalonante na complexificação da realidade que marca o período contemporâneo. A soberania de Édipo neurotiza a subjetividade, condicionando o inconsciente a consumir um único e específico modo de vida, coincidentemente extremamente ressonante aos ideais burgueses de quietude e calma. Paralelamente às guerras mundiais do

século XX, essas paranoias seriam como que contra-ataques (reativos) à Diferença; às custas de muitas vidas, como em toda guerra.

Concluindo, ao contrastar o conceito de verdade entre as filosofias de F. Nietzsche e W. James, tratamos, portanto, de um movimento revolucionário materialista localizado no seio da própria noção de verdade que desemboca na psiquiatria materialista de Deleuze e Guattari e, conseqüentemente, suas considerações acerca da noção de subjetividade e da necessidade de um distanciamento da ciência, para que a vontade de verdade não apresente obstáculos à criação de novos modos de vida indeterminados. Por fim, as palavras de Ferreira nos auxiliam com a síntese deste estudo:

Para que a criação e não a representação se instale como o melhor dos intercâmbios com o mundo, é preciso que este ganhe nova textura: plural, móvel, finito e imanente. Sem cair no risco de se transformar em mais uma metafísica inflacionada. Não mais um monólito, e sim massa de modelar, convidando-nos a criar: a ser artista, como em Nietzsche, a ser "engenheiro da fé", em James. É neste sentido que estes pensadores reverterem o platonismo; invertendo não apenas o ideal de conhecimento, os valores, mas o próprio sentido do Ser. Nosso mundo não é mais uma silhueta, a sombra de um princípio luminoso e estático, e sim o fluir sem sentido ou direção de um amálgama de seres parciais, a ganhar ordem somente na intervenção parcial de um criador, que não é mais de caráter divino (FERREIRA, 2008, p. 202).

Segundo os autores aqui apresentados com o auxílio dos estudos de Ferreira, os valores são criações humanas e históricas, que possuem validade num certo tempo e espaço. Em suma, "(...) Afirmar que a vida é aparência, reivindicar a positividade do falso, é se insurgir contra a possibilidade de um julgamento da vida a partir de um critério de verdade; é ressaltar como a vontade absoluta de saber é um ultraje à vida..." (MACHADO apud FERREIRA, 2005, n. p.) - situação análoga à que se passa no complexo: moralização metafísica da subjetividade, como os juízos que Freud conclui da resolução de Édipo para as meninas, como se a produção dos diferentes modos de vida e a diferenciação dos corpos entre si fossem alvos de uma hierarquização; a isso se opõem a esquizoanálise ou filosofia da diferença.

REFERÊNCIAS

- ALVIM, Fabiane. Recalque: um percurso pela obra freudiana. *Única - Cadernos Acadêmicos*. Faculdade Única - Ipatinga, MG, v. 3, n. 1, 2019.
- DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta*. Edição preparada por David Lapoujade; organização da edição brasileira e revisão técnica por Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Micropolítica e segmentaridade. Tradução de Suely Rolnik. In: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia vol. 3*. Rio de Janeiro: 34, 1996. p. 83-115.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. Tradução de Luiz B. Orlandi. São Paulo: 34. 2010.
- FERREIRA, Arthur Arruda Leal. A Verdade a Serviço da Vida: ressonâncias entre os pensamentos de William James e Friedrich Nietzsche II. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 18, n. 2, p. 189-205, 2008.
- FERREIRA, Arthur Arruda Leal. F. Nietzsche e W. James: duas estratégias de combate em torno da verdade. *Revista Morpheus-Estudos Interdisciplinares em Memória Social*, v. 4, n. 6, 2005.
- HEUSER, Ester Maria Dreher. *Pensar em Deleuze: violência e empirismo no ensino de filosofia*. Ijuí: Editora Unijuí. 2010.
- JAMES, William. *Pragmatismo: un nuevo nombre para viejas formas de pensar*. Traducción de Ramón Del Castillo. Madrid: Alianza Editorial S. A., 2000.
- ZATERKA, Luciana. Nietzsche: a "verdade" como ficção. *Cadernos Nietzsche*, n. 1, p. 83-92, 1996.